

O CULTO MARIANO NA MISSÃO EVANGELIZADORA DO NOSSO POVO

Dr. José Medeiros Constância (*)

Introdução

Neste Ano Santo Mariano que caminha para o seu fim, é de salientar como acontecimento importante para a Igreja de Deus que está nos Açores, esta *Semana Cultural Mariana* que hoje mesmo se encerra aqui na Horta. Foi com gosto que aceitei o convite para nela participar e aqui estou para depois de terem sido aqui tratados temas mariológicos do ponto de vista estritamente teológico (quer da Teologia Sistemática quer da Teologia Espiritual) e do ponto de vista Histórico, Artístico, e Poético, dar a minha achega que se situa mais ou menos na área também da Teologia, mas da Teologia Pastoral.

Tratarei o tema: *O Culto Mariano na Missão Evangelizadora do nosso Povo*. Se por um lado, é uma certeza que Maria presente no Mistério de Cristo e da Igreja, tem sido sobremaneira querida e honrada pelo povo de Deus que está nestas ilhas, o que significa que tem sido grande riqueza para a vida cristã das nossas gentes a devoção a Nossa Senhora; por outro lado, tratar este assunto mesmo, ou seja, em que medida o Cristianismo tem sido fecundo apostolicamente pelo caudal imenso do culto a Maria, não se torna nada fácil pela extensão do assunto em si, pela necessidade que há de uma análise sociológica neste sentido (que não está feita) e porque tudo isto supõe também uma reflexão crítica acerca da própria prática pastoral mariológica existente, em ordem a novas atitudes e caminhos no presente e no futuro das nossas comunidades eclesiais.

Mesmo assim, e, consciente de que o assunto em questão é complexo teórica e praticamente, nem por isso, deixo de dar abertamente este meu contributo.

1. Maria e a sua presença nos Açores

Por ser nossa Mãe, Maria tornou-se inseparável de nós em toda a nossa história. Como já foi dito e sabemos a presença de Maria desde a descoberta e povoamento destas ilhas até aos nossos dias tem sido uma realidade.

1.1. Açores e visibilidade Mariana

Olharmos os Açores é depararmos com uma iconografia mariana pública, doméstica e privada que torna bem visível Maria a todos nós.

As imagens de Nossa Senhora expostas por aí além, umas mais ricas outras mais pobres, com esta invocação e com aquela outra são bem o sinal de um povo que tem sabido ter o retrato da Mãe consigo. Imagens que estão em Igrejas, Ermidas e Capelas construídas em montes e vales das nossas bonitas paisagens «como autênticas casas de Nossa Senhora» porque a Ela dedicadas. Que riqueza, meu Deus, temos nós neste sentido, de Santa Maria ao Corvo! Mas as nossas famílias nas suas casas, conservam também, as mais diversas imagens da Senhora ou porque se consagraram a Ela e lá têm a imagem do Coração Imaculado de Maria, ou então, porque se foi a Fátima e se tem devoção e ali está a imagem de Nossa Senhora de Fátima, e até iluminada, fosse se estivessemos mesmo na Capelinha das Aparições; ou ainda, porque se é devoto de Nossa Senhora da Conceição, da Assunção ou dos Anjos, ou da Nossa Senhora Padroeira da nossa paróquia e na cómoda ou em nicho feito em casa moderna lá

(*) Pároco da freguesia de São Pedro, Ponta Delgada.

está a imagem da Senhora a quem queremos bem e se está ligado.

Mas a imagem de Nossa Senhora está também em meda-lhas que se usam em cordões e que se trazem ao peito para dela não nos separarmos mais e para a termos como companheira e guia. Uma vez encarada no aspecto protector outras vezes só no aspecto meramente decorativo, a iconografia mariana, pública e privada enche lugares e toca as pessoas, dir-se-ia, de todas as idades, em todas as situações comunitárias e individuais.

Servindo para recordar ou para influenciar, as nossas famílias ligam Maria aos acontecimentos mais significativos da família e estes aos acontecimentos marianos mais importantes. Nascimentos, baptizados, partidas para o estrangeiro, horas de doença ou morte são sempre momentos e ocasiões onde é invocada, a sua imagem é iluminada ou levada (o caso dos imigrantes). Até aspectos ligados com a coesão familiar têm Maria e as suas imagens como elementos decisivos e protectores.

Mas se as grandes Igrejas lembram Maria e as imagens se multiplicam, a figura de Nossa Senhora está também nos azulejos que colocados em edifícios públicos ou nas casas dizem bem até onde chega a sinalização mariana dos nossos lugares.

Se passarmos para o capítulo das festas, veremos que as nossas ilhas estão cheias de festas que se celebram com Eucaristia (Solene) e procissões, peregrinações e mesmo romarias a Nossa Senhora. Cito como exemplo só algumas em cada uma das nossas nove ilhas.

Em Santa Maria, mesmo em Vila do Porto, temos a festa e a procissão da padroeira Nossa Senhora da Assunção e na paróquia de São Pedro daquela Ilha existe uma pequena ermida dedicada a Nossa Senhora de Fátima que foi, segundo consta, a primeira a ser construída no nosso país a seguir à Capela das Aparições na Cova da Iria. Se fixarmos os nossos olhos em São Miguel temos a celebração de Nossa Senhora dos Anjos em várias paróquias, como por exemplo: Água de Pau e Fajã de Baixo. Temos a Ermida da Senhora da Paz com a Senhora da Paz (lugar que cada vez ganha mais presença do povo cristão) e temos a Senhora do Pranto, venerada na ermida própria em São Pedro do Nordeste. Para não falar na Senhora da Esperança venerada no Santuário do Senhor Santo Cristo. A Terceira tem a Senhora da Conceição cujo culto é prestado na paroquial elevada agora a Santuário Diocesano a Conceição de Angra, assim como é grande também a devoção à Senhora dos Milagres na Serreta. Gra-

ciaosa com as invocações de Nossa Senhora da Luz na Freguesia da Luz, Senhora do Guadalupe no Guadalupe e Senhora da Ajuda no monte da Ajuda na Vila de Santa Cruz. São Jorge tem a Senhora do Rosário no Topo e nos Rosais e Senhora das Neves no Norte Grande, invocação que só existe em mais uma paróquia dos Açores na Relva: São Miguel.

O Pico está todo ele cheio de celebrações da Senhora, como muito bem nos transmite o poeta e escritor Padre José Carlos no seu livro: «*Senhora Nossa Ilha à Roda*». Nossa Senhora de Lourdes nas Lajes, Nossa Senhora da Piedade na Piedade (só para citar algumas) Nossa Senhora do Livramento no Cais do Pico, Nossa Senhora da Boa Nova nas Bandeiras, Nossa Senhora das Candeias na Candelária e Nossa Senhora Mãe de Deus na Silveira. No Faial (para não demorar), cito aqui mesmo na Horta dois casos: Nossa Senhora das Angústias e Nossa Senhora da Conceição. Nas Flores: Nossa Senhora do Rosário na Vila das Lajes e Nossa Senhora da Conceição em Santa Cruz. Na irmã e pequena ilha do Corvo Nossa Senhora dos Milagres. Nestas Igrejas, e em outras, muitas outras, celebra-se a devoção à Virgem com novenas, actos devocionais (os mais diversos) missas de festas, procissões, como já atrás referi.

As peregrinações habituais ou esporádicas realizam-se em algumas ilhas a algumas Igrejas e sobretudo a ermidas. Se quisermos pensar em romarias muito antigas e muito originais que apesar de se realizarem na Quaresma têm uma acentuação mariana teremos de citar forçosamente: os Romeiros — ranchos de homens em romaria às «casas de Nossa Senhora» — Igrejas e Ermidas de Nossa Senhora — na Ilha de São Miguel.

Mas se descermos ao quotidiano (sempre neste voo de reconhecimento do que assinala a presença de Maria no nosso meio açoriano) deparamos com orações diferenciadas que as pessoas de todas as idades rezam pedindo e agradecendo por hábito e por tradição à Virgem. Nas «3 Avé-Marias» temos um exemplo clássico e permanente. Depois são as devoções individuais, ou então, as novenas e os «meses» celebrados em honra de Nossa Senhora. As promessas feitas em horas de aflição ou de acção de graças (e que têm as mais diversas expressões individuais ou no comunitário) são outros tantos gritos de religiosidade ou de fé que colocam Maria no nosso quotidiano. Estes tópicos gerais longe de serem uma análise fenomenológica, ou então, uma análise sociológica nada mais são do que um citar dos traços que mostram como Maria

está bem visível no coração da geografia física, humana e religiosa das nossas ilhas. De tal maneira, esta presença está marcada na terra, nas pessoas, na história que não a ter em conta na vivência religiosa e cristã do nosso povo é varrer com algo que é consubstancial com o nosso ser e existir de Homens — Cristãos Ilheus.

1.2. A devoção Marial nas nossas ilhas:

«Ontem» e «Hoje»

Ao tratar este ponto será bom referir que não é a mesma coisa culto, devoção e piedade. São termos que se relacionam no seu significado, nas suas expressões. São termos que sobretudo no sentido e nas manifestações do povo se cruzam e se entrelaçam, para não dizer que se confundem e misturam. Mas na realidade não são a mesma coisa.

Vamos expressar aquilo que o nosso povo tem sentido e sente, que tem vivido e vive por Nossa Senhora com a expressão: *devoção Marial*.

Esta devoção marial teve um «Ontem» e tem um «Hoje». Também sem preocupação de fazer história e sem consultar mesmo a História Religiosa do nosso povo ou a História Eclesial ou Eclesiástica da nossa Diocese, *ousou designar todo o nosso passado*, isto é, desde o nosso povoamento até há trinta anos atrás como o *Ontem* da devoção Marial nas nossas ilhas.

O *Hoje* desta devoção entendo a era que começou com o Concílio Vaticano II até agora.

Esta divisão repito talvez, não seja, a que se possa fazer para quem conhece aquilo que já há de elementos históricos colhidos para fazer a História Religiosa e Cristã ou então para fazer a História da Igreja Diocesana. Mas também é verdade que esta História ou Histórias estão longe de estarem feitas. O que na realidade é uma pena.

A divisão que eu faço é mais uma sinalização para realçar duas constantes, ou duas atitudes que fundamentalmente são ou se podem resumir na mesma: a *devoção a Nossa Senhora*. Todavia, parecem revestir estilos diferentes.

No *Ontem* da devoção Marial nas nossas ilhas encontramos o olhar permanente de Maria para nós e o olhar do nosso povo para a pessoa Dela. É constituído (esse ontem) por esse grito que tem levado o povo cristão em horas fáceis e em horas difíceis a chamar por Maria: bendizendo-A, louvando-A, pedindo a sua protecção.

Com certeza que na devoção do nosso povo no passado temos de considerar a aceitação na fé de toda a doutrina sobre Nossa Senhora. E se estivessemos a fazer história teríamos de citar a maneira também cheia de fé e de alegria como o nosso povo aceitou as verdades da Imaculada Conceição de Nossa Senhora e da sua gloriosa Assunção. Aceitação para a qual muito terá contribuído todo o ensinamento feito nesta Diocese de Angra pela pregação dos seus Prelados e Sacerdotes.

O *Ontem* da devoção a Nossa Senhora foi também todo este tempo que gerou a celebração das muitíssimas festas a Nossa Senhora por estas ilhas (algumas delas nem sempre bem situadas dentro dos tempos litúrgicos e também nem sempre bem celebradas) na roda do ano.

Ver o ontem da nossa devoção será ainda ver a fé como alavanca que levou o nosso povo a erguer com generosidade e sacrifício tantos templos à Mãe do Céu.

Constatar a devoção no passado Àquela que tem sido também Mãe desta Igreja Local é ver, por exemplo, momentos fortes do fervor marial como aquele que mostrou o nosso povo quando a imagem peregrina de Fátima veio à nossa Diocese em 1948.

Mas sobretudo ver a devoção do povo dos Açores a Nossa Senhora no passado será perguntar em que medida ela foi para a vida dos cristãos um modelo de imitação. Aqui, talvez tenhamos de constatar muitos aspectos positivos de sacerdotes e leigos que na nossa Diocese foram exemplo de vida cristã porque foram grandes devotos de Nossa Senhora, mas também a verdade manda-nos dizer que a nossa vida feita de tantas celebrações e de tantas associações marianas: como as Congregações Marianas, as Filhas de Maria, os Cruzados de Fátima, etc., por vezes a devoção a Nossa Senhora não passou, tantas vezes, de um sentimentalismo muito pouco esclarecido e de emoções estéreis e passageiras.

Feito o *Ontem* da devoção Marial nos Açores de uma Mariologia nem sempre muito bem percebida, com uma piedade pouco centrada em Cristo e sua Mediação, para se ficar numa polarização por vezes concentrada em Nossa Senhora, com um culto por vezes muito pouco litúrgico atravessamos séculos a rezar, a cantar e a amar Nossa Senhora nem sempre com um amor muito efectivo e eficaz também.

Se é verdade que a fé católica acerca da Virgem Santíssima sempre se manteve intacta e assim nos foi legada pelos nossos antepassados; se tal como aconteceu no Continente em que os principais momentos da História do

nosso País foram marcados com Santuários à Virgem, assim também aqui nos Açores em momentos muito importantes se ergueram templos. E, se as autoridades sempre cumpriram votos locais em festas de Nossa Senhora, também é verdade que mais avançados poderíamos estar na vivência de um cristianismo libertador que levasse as nossas ilhas a saírem de um subdesenvolvimento em que ainda se encontram se a nossa vida cristã tão acentuada por uma devoção marial tivesse sido um projecto para a vida toda ou que tocasse a vida toda. O *Hoje* da nossa devoção Marial. Situando-o como eu o situo a partir do Concílio Vaticano II não deixa de trazer as marcas grandes e os sinais visíveis da riqueza mariológica que o nosso «Ontem» nos legou, bem como os limites e defeitos de uma prática devocional em determinados aspectos muito pobre liturgicamente.

Um primeiro aspecto que eu gostaria de focar nos traços rápidos com que vou caracterizar como vivemos hoje a nossa devoção a Nossa Senhora é o seguinte: não obstante a riqueza doutrinal que nos é apresentada pelo Vaticano II o certo é que nos últimos decénios bem podemos dizer que em toda a Igreja e nos Açores também a devoção a Nossa Senhora, desceu e passou mesmo por uma certa crise.

O Papa Paulo VI num discurso proferido em Abril de 1970 e que veio publicamente no «Osservatore Romano» de 25 do mesmo mês e ano dizia haver uma certa reserva dos fiéis na devoção a Maria e dava esta explicação: «A devoção a Nossa Senhora não encontra sempre os nossos ânimos dispostos e inclinados, alegres da sua íntima e cordial profissão como há algum tempo. Somos nós hoje devotos de Maria como era no passado o clero e o povo cristão? Ou, na verdade, somos mais frouxos e mais indiferentes? Uma mentalidade profana, um espírito crítico tornaram, talvez, menos espontânea e com menos convicção a nossa piedade para com Nossa Senhora?»

A descida desta devoção, mais evidente depois do Concílio, pode-se constatar nas comunidades paroquiais, mesmo nas nossas comunidades paroquiais. As associações marianas outrora florescentes, de vida cristã apostólica, ou se extinguíram, ou permaneceram com pessoas muito idosas.

Deu-se mesmo uma decadência nas festas Marianas tradicionais. Nas famílias deixou-se de rezar ou passou-se a rezar menos. Os Santuários Marianos, mesmo os mais notáveis eram no passado meta de grandes peregrina-

ções de fiéis. A verdade é que pelo menos os Santuários mais pequenos tornaram-se quase desertos e as pessoas vizinhas deles, passaram a não os visitar. E muitos dos visitantes são turistas e curiosos. Uma observação quase banal: o nome de Maria passa a ser pouco escolhido no baptismo das crianças. É mais e mais.

Estas constatações e outras podem parecer de pouca importância, mas não deixam de acusar sintomas de uma crise com aspectos francamente negativos.

Mas, para perceber o sentido de tal crise será bom ver algumas das causas que lhe estão subjacentes: O secularismo que reina por toda a parte e por consequência a descristianização em todos os seus aspectos.

Mas existem também outras causas: no que diz respeito à devoção mariana devemos ter presente alguns motivos de ordem doutrinal. Neste último século, certas correntes mariológicas desenvolveram-se quase separando-se da Teologia e sem terem em conta os dados da Exegese, da Patrística e da Tradição. A Mariologia transformou-se naquilo que podemos chamar uma espécie de Mariologismo. É natural, que a concentração da atenção e do interesse fossem para movimentos teológicos mais recentes, certamente mais importantes para a educação da fé, do povo cristão, como por exemplo: o movimento litúrgico bíblico e ecuménico.

A renovação ecuménica também pode oferecer argumentos neste sentido. Muitos cristãos não católicos reconhecem em Maria um papel muito secundário na História da Salvação. No sentido de pôrem em evidência só aquilo que une, talvez, se tenha falado menos de Maria, para melhor se desenvolver o diálogo ecuménico.

Também muitos responsáveis das comunidades eclesiais terão pregado menos a doutrina sobre Maria aduzindo que no passado se falou muito. Outros julgam a devoção a Maria muito secundária comparando-a com verdades que hoje são colocadas em discussão e mesmo negadas como: Deus, Cristo, a Vida Eterna, os Sacramentos, a Igreja, etc.

Nesta análise, ou descrição há ainda quem acrescente às causas de carácter teológico-pastoral causas de ordem moral. Segundo uma determinada opinião o hedonismo e pansexualismo da sociedade actual criaram um ambiente mau para se ouvir falar de Maria Imaculada sempre Virgem, Assumpta ao Céu, e por consequência, de castidade, continência, de abnegação e de sacrifício.

Feita esta alusão à crise, sintomas e causas que atingiram a devoção marial mesmo aqui, passo a referir caracterís-

ticas da mesma no nosso hoje mais recente; isto é, nos últimos anos.

O Pontificado do Papa João Paulo II, o Papa de Maria, veio fazer que por toda a parte se superasse, de certo modo, a crise na devoção a Nossa Senhora. Esta influência logicamente chegou até nós. Assim podemos dizer que os Açorianos que nunca esqueceram Maria e a devoção a Ela, estão hoje mais despertados para este aspecto da vida cristã e estão a realçar na sua religiosidade popular e na militância cristã e eclesial aquilo que vem por Maria e a Ela diz respeito. O Ano Santo Mariano que ainda estamos a viver também tem ajudado neste sentido.

Assim a doutrina sobre Maria é lembrada e meditada, o fervor nas suas devoções tradicionais ou um tanto renovadas continua, as Igrejas a Ela dedicadas são visitadas, estimadas e beneficiadas, as suas festas celebradas com mais esplendor e aquilo que é o seu exemplo sobretudo no que diz respeito à sua «peregrinação na fé» e à sua vida de caridade parecem ter uma influência cristã no viver social da nossa gente.

Estará tudo bem no hoje da nossa devoção Marial? Será a pergunta que mais adiante retomarei para tratar outros pontos deste meu trabalho.

2. Somos um povo Evangelizado e Evangelizador?

Numa primeira abordagem ao problema da Evangelização nas nossas ilhas, pode parecer sem sentido colocar esta pergunta: afinal somos um povo Evangelizado e Evangelizador? Então, quinhentos e tal anos de vida e de vida religiosa nas nossas ilhas com tantos frutos, e quatrocentos e cinquenta e mais anos de vida de Igreja permitirão que coloquemos o problema da Evangelização em termos de pergunta. Não parecerá uma atitude temerária, demasiadamente crítica e, ou de falta de fé na fé do nosso povo? Este assunto é o que nos vai ocupar agora.

2.1. *Que devemos entender por Povo e por Evangelização*

Por *Povo* devemos entender a gente que no passado habitou, viveu, trabalhou, ou morreu nestas Ilhas. E também a que presentemente habita no nosso arquipélago.

Todas as pessoas, em todos os escalões etários, situações, trabalhos, etc. O povo é o povo dos Açores que nasceu, ou, que nasce religioso pelo menos sociologicamente e que continua na sua quase totalidade (pelo menos estatisticamente) a acreditar em Deus e a aceitar a religião. Mas quando se trata de povo para entender o problema da Evangelização no passado, no presente e sobretudo mais por relação ao futuro temos que entender o povo cristão e portanto o povo que aderiu e adere a Cristo e por conseguinte se tornou e torna Igreja, isto é, povo de Deus.

Podemos e devemos entender, perceber e aceitar o despertar religioso do nosso povo desde as origens, considerar o povo Açoriano e a sua religiosidade, mas nem historicamente poderemos ficar sempre a falar do povo em aspectos vagos de religiosidade, porque houve uma altura em que este povo se tornou Igreja ou no meio dele os Cristãos se tornaram comunidade (Eclesia). Actualmente é teológica e pastoralmente impreciso entendermos por Igreja e dizermos só: a Igreja é o povo. Não, a Igreja é o povo de Deus, portanto, é a Humanidade que aceitou e aceita Cristo e é constituída em Comunidade, vive em comum e organicamente a experiência da Filiação Divina e da Fraternidade Cristã, numa palavra, o processo de Salvação. Portanto, num determinado local: região ou continente a Igreja não é o povo vagamente tomado, indefinido ou só caracterizado abstrata ou concretamente em determinadas formas de religiosidade mesmo que ricas, é este povo convocado por Deus e constituído em Comunidade pelo Espírito Santo, pelo anúncio e aceitação do Evangelho, orientado e servido pela Apostolicidade, isto é, pelos Ministros Ordenados sobretudo pelo Apóstolo: o Bispo.

É decisivo para um povo ele ser constituído consequentemente em povo Cristão, em Igreja evangelicamente percebida, porque por aí vamos perguntar do seu crescimento cristão interno e externo e da sua acção de expansão evangelizadora.

Portanto, quando falamos de povo evangelizado e evangelizador por relação aos Açores entendemos o Anúncio do Evangelho que aqui foi feito e que fez do nosso povo — gente de Cristo e desta terra, terra que cresceu com os valores do Evangelho. Evangelho que vivido e difundido por todas as ilhas até foi levado como Palavra e Vida a outras paragens do mundo por gente da Igreja de Cristo que por graça de Deus está no nosso meio há tantos anos.

Quando falamos de povo Evangelizado e Evangelizador não nos podemos deixar ficar também em ideias vagas ou em conceitos e atitudes redutoras, do que é, na verdade, a Evangelização. Sempre assim foi. Mas depois da carta Magna sobre a Evangelização a Exortação Apostólica de Paulo VI intitulada «*Evangelii Nuntiandi*» ainda mais esta dá uma ideia da qual poderemos tirar os elementos constitutivos da Evangelização e perceber em que sentido deve ir a mesma na sua acção.

Segundo a *Evangelii Nuntiandi*: «Evangelizar é, antes de mais, renovar a Humanidade, a partir de dentro, do interior do coração do Homem. Por outras palavras, é converter a consciência individual e colectiva. Mais concretamente consiste em modificar pela força do Evangelho, os critérios de julgar, os valores que contam, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da Humanidade, de forma a harmonizá-los como desígnio da salvação. Nesta perspectiva, trata-se de transformar todos os estratos da sociedade e não apenas de anunciar o Evangelho em novos espaços geográficos». Analizada esta noção global de Evangelização podemos dizer que fazem parte dos elementos constitutivos da mesma os seguintes: «*praedicatio verbi*», «*testimonium vitae*» e «*celebratio Sacramentorum*», *Praedicatio verbi*. A Evangelização é antes de mais, a pregação da Palavra, isto é, o Anúncio da Palavra de Deus, cujo conteúdo é todo o Evangelho e só o Evangelho. E Palavra que deve ser incisiva, eficaz e adaptada. Foi assim que fez Cristo e os Apóstolos. E é esta Palavra que sugere a fé e gera a Igreja.

Testimonium Vitae. A Evangelização consiste no testemunho de vida e não só na Palavra. Um testemunho adulto e responsável, pessoal e eclesial. Mais: um testemunho que deve ter em conta os valores do nosso tempo: a fraternidade, a pobreza, a justiça e a paz.

Celebratio Sacramentorum. Partindo da noção bíblica e partrística de evangelização, e, redescoberta pelo Concílio e pelo post-concílio podemos afirmar com Shnaus a Igreja é Igreja da Palavra e do Sacramento. A Palavra ordena-se ao Sacramento e em especial à Eucaristia. Além disso os Sacramentos são também fontes de Evangelização porque dão a Evangelização e radicam o testemunho dos Evangelizadores.

Sendo assim, devemos entender por Evangelização todo o processo e caminho do despertar para a Fé de um povo, levando-o ao Encontro e à aceitação da pessoa de Cristo por um conhecimento da Vida e obra do mesmo

e pela vivência do projecto que ele trouxe para transformar o mundo em Reino de Deus.

2.2 A nossa Evangelização no passado e no presente

Todos sabemos que os frades da Ordem de Cristo com sede em Tomar terão sido dos primeiros a acompanhar os povoadores destas ilhas. Por outro lado, sabemos que os que de início aqui se vinham fixar eram cristãos. Assim, começa o Evangelho a ser conhecido bastante por esta gente e portanto também e sobretudo por obra dos Religiosos Franciscanos. Este, não é no dizer de alguém o «Arquipélago Franciscano»?

Em 1514 os Açores são integrados na Diocese do Funchal e a 3. de Novembro de 1534, Paulo III assinava a Bula da Criação da Diocese do Santo Salvador.

Começa assim a nossa Diocese.

Nestes quinhentos e tal anos de História e em mais de 450 de Igreja Diocesana pela pregação de tantos Bispos, Sacerdotes e Missionários fez-se a proclamação do Evangelho e a adesão do nosso Povo a Cristo.

A Fé em Cristo e os valores do Evangelho moldaram a alma e o viver dos que baptizados se tornaram aqui discípulos de Cristo.

A fé Cristã e Católica e a experiência Comunitária do Evangelho que aqui se fez criou uma adesão tão grande que passou para o viver da nossa gente fazendo crescer uma história feita de homens e mulheres que não só aqui viveram o Evangelho, mas o levaram pelo impulso da própria fé e pelas circunstâncias de povo emigrante a muitas partes do mundo.

Povo Cristão com tantos leigos, padres e bispos apostólicos e missionários por entre as «consolações de Deus e as perseguições» do mundo com uma história feita de graça e pecado, de glórias e de algumas sombras aqui se fez no passado e se faz no presente a experiência comunitária da Salvação em Jesus Cristo.

Fomos, de facto, um povo que acolheu a Palavra de Deus e a fez carne no viver difícil do estar nestas ilhas. Fomos um povo que com muita ignorância religiosa à mistura, com muitas fraquezas humanas e cristãs celebrou a sua vida em Cristo pela acção sacramental e a tornou testemunho aqui e além.

Povo evangelizado com alguns defeitos, com determinadas acentuações na piedade, na devoção e no Culto a Cristo e à Virgem, mas povo cuja fé se fez caminho missionário.

E a nossa Evangelização hoje?

Herdamos uma experiência de fé grande que influenciou o nosso viver individual e comunitário. Continuamos a ser um povo com grande *Religiosidade Popular* (que se manifesta sobretudo nas devoções a Nossa Senhora, ao Espírito Santo, às almas, etc.). Somos um povo que ainda no seu conjunto e no seu futuro está aberto aos valores do Evangelho; mas debatemo-nos por razões variadíssimas com uma crise que grita por uma Re-Evangelização. Continuamos a aderir ao Evangelho, mas a nossa adesão é muito frágil. O projecto da fé não faz das nossas comunidades, comunidades de discípulos de Cristo e o povo não apresenta filhos seus para o serviço consagrado.

Somos hoje um povo que eclesialmente manifesta uma certa anemia cristã e esgotamento vocacional. Mais: povo muito pouco sensibilizado e preparado para responder ao novo mundo que são hoje os Açores transformados por mudanças interiores e exteriores de toda a ordem. Somos um povo com necessidade, insisto, de uma *Evangelização nova*.

2.3 *A necessidade de uma Nova Evangelização*

Estamos na hora exacta de realizarmos nos nossos Açores aquilo que podemos chamar uma *Nova Evangelização*. Foi o Bispo da nossa Diocese, o senhor Dom Aurélio Granada Escudeiro que na homília proferida a 3 de Novembro de 1984, em Angra, no início das comemorações dos 450 anos da criação da nossa Diocese afirmou a propósito do desafio dos 450 anos de vida da Diocese: «A celebração dos 450 anos de vida da Diocese de Angra constitui um desafio para quantos aqui vivemos ou a ela pertencemos.

Há que ter um olhar de gratidão a Deus pela vocação cristã e católica do povo destas ilhas e a quantos cooperaram na realização desta vocação, e um olhar de fidelidade para o nosso passado de fé.

Importa agora olhar para o futuro para ver como consolidar o que se fez, purificando-o, alargando seus horizontes».

E continua o Senhor D. Aurélio na tal Mensagem Pastoral «impõe-se uma *Evangelização Nova*, nos seus métodos, na sua expressão e no entusiasmo com que havemos de assumi-la».

Sem dúvida, que uma *Evangelização Nova* nos nossos Açores, em meu entender, deve, ser concebida e reali-

zada num duplo movimento: uma Evangelização *ad intra* e uma Evangelização *ad extra*.

A *Evangelização ad intra* deverá fortalecer cada vez mais a convicção que a Igreja está radicada na Palavra de Deus e que é convocada, fundada, renovada e julgada por ela. Trata-se, portanto, fundamentalmente de aprofundar a ligação entre a Palavra de Deus e a vida da Igreja. Mais especificamente trata-se de precisar qual é o lugar que para ela se deve reservar na vida concreta da comunidade Cristã.

A Palavra de Deus não se pode reduzir a um ensinamento, mas a um *Acontecimento*, enquanto, representa a irupção de Deus na História da Humanidade.

Por outro lado, a concepção de Revelação como «manifestação da verdade» para a de «intervenção de Deus na história mediante acontecimentos e palavras intimamente conexos» não é de fácil assimilação, no nosso contexto cultural.

Mas essa é indispensável, se se quer que a Palavra de Deus seja realmente aquilo que deve ser, ou seja «um encontro pessoal com Deus, no contexto da comunidade eclesial» (D.V. N.º 6).

Aduzidos estes princípios (de uma maneira muito breve) à situação actual, deveremos ter em conta os seguintes pontos importantes e urgentes para uma *Evangelização ad intra* na nossa Igreja.

A Evangelização, nas suas diversas formas, deveria servir, sustentar e requalificar a fé da comunidade eclesial. Mais especificamente deveria servir para:

- a) Realizar uma passagem gradual da religiosidade popular a uma fé radicada na palavra de Deus;
- b) Realizar uma passagem convincente de uma fé intelectualista a uma fé existencial e vivencial;
- c) Realizar uma passagem consciente de uma fé «consumista» a uma fé comunitária e empenhada.

Neste ponto de uma *Evangelização Nova* será importante reforçar os caminhos e os métodos do despertar e do aprofundar da fé na comunidade cristã: quer seja através da própria Evangelização e promoção Humana, quer através da Catequese, da Teologia ou da Apologética rectamente entendida. Assim entraremos na Iniciação ou Re-iniciação Cristã pela via Catecumenal estritamente dita ou por uma Educação da Fé cujo aprofundamento e vivência inspirar-se-ão no modelo catecumenal.

Mas uma Evangelização Nova tem a sua dimensão *ad extra*. O anúncio do Evangelho da salvação a todos os homens representa uma tarefa essencial da Igreja, que não pode cair na dimensão Sinagoga. O anúncio do Evangelho assume formas diversas segundo a diversidade do contexto histórico e das situações concretas em que se encontram os Homens.

Os confins desta *Evangelização ad extra* não são fáceis de traçar entre nós, porquanto o mundo, mesmo o nosso mundo aqui, é Cristão mas também é ao mesmo tempo pré-cristão, post-cristão, e a-cristão.

Num contexto assim, embora uma evangelização para os que estão de fora não possa perder de vista a conversão, tem de se centrar na atenção do Homem, na análise das suas situações e na apresentação da Revelação como proposta — resposta às suas perguntas. Assim, teremos de ir por uma Evangelização de «metodologia indutiva». De frente, as riquezas existentes nos «mundos» do Mundo dos Açores a atitude da Igreja deverá ser a do diálogo não para as chamadas «conversões em massa», mas sim para o aparecimento de itinerários de fé que respeitem as decisões pessoais e criem uma presença de Igreja que cristamente renove os ambientes de trabalho, da cultura, da ciência, dos momentos livres, etc. etc.

3. O Culto Mariano na Obra Evangelizadora da nossa Igreja

Por tudo o que já vimos até agora creio que poderemos afirmar que a verdadeira Evangelização é aquela que fez aparecer verdadeiros Discípulos que formam o povo de Deus: a Igreja. Igreja que uma vez evangelizada poderá evangelizar.

Assim aparece a Igreja Local como a Matriz viva de toda a Evangelização.

3.1. A Igreja Local:

Matriz viva de toda a Evangelização

Sabemos pela doutrina actual que a Igreja Local, ou Particular não é uma parte de um todo (da Igreja Universal) mas é sim a Igreja de Cristo Una, Santa, Católica e Apostólica que está presente e se manifesta na própria Igreja Local. É significativo que o Concílio Vaticano II não tenha falado de partes da Igreja, ou do povo de Deus, mas tenha usado o termo «uma porção do povo de Deus»

quando traçou uma definição de Igreja Local, referindo-se à Diocese.

Caminhando nestas ideias podemos dizer que a Igreja Una e Universal é também um Corpus Ecclesiarum, isto é, um corpo orgânico, unido, constituído pela Comunhão das Igrejas Locais. As Igrejas Locais, ou Particulares, vivem na Igreja Universal e a Igreja Universal acontece e vive nas Igrejas Locais.

Partindo daqui podemos perceber que a vitalidade da Igreja Local é a nascente e a matriz donde concretamente cresce a obra da Evangelização em viva comunhão com toda a Igreja Universal.

Sim, a Igreja Local é centro de vida e não um órgão de execução, meramente passivo. É matriz verdadeira da Evangelização, consciente, claro está das tarefas, das suas dificuldades, dos problemas a resolver e das descobertas dos caminhos novos que terá de brilhar.

A obra evangelizadora do nosso povo tem assim na nossa Igreja Local o seu Sujeito fundamental.

3.2. O Culto Mariano na nossa tarefa Evangelizadora

A Presença de Maria no coração da nossa gente com fé e a expressão desta fé traduzida na piedade, devoção e no culto Mariano nos Açores é precioso, melhor digo, deve ser precioso caudal na tarefa Evangelizadora no nosso meio.

O culto a Nossa Senhora deve levar *por Maria*, ou melhor, *com Maria* o nosso povo a Jesus Cristo, ao Santíssimo Salvador do Mundo.

Se assim for, Maria passará a ser para todos nós um modelo de atenção à palavra de Deus. E aqui está um primeiro ponto da riqueza do culto Mariano: o de nos levar a encontrar em Maria um modelo de contemplação. Assim como Maria guardou atentamente o Apelo e a Palavra de Deus no seu Coração, assim como Ela rezou, assim como Ela teve uma vida que foi uma «peregrinação na fé», na esperança e no amor; assim também a nossa Igreja como Povo deve descobrir os apelos de Deus pela Palavra da Bíblia e pelos acontecimentos do nosso mundo, de tal maneira que viva uma fé não rotineira e sociológica mas uma fé que leve o mesmo povo a ser mais do que um povo religioso, um povo cristão que experimentando a riqueza de uma fé que é projecto, se compromete na construção do Reino de Deus nas nossas ilhas. Festas, devoções, procissões, oração, etc. que não leve o nosso povo a descobrir (de uma maneira simples é

certo) mas muito clara a Mãe do Redentor, como modelo de «vida no Espírito» é culto que ficará como tantas vezes fica no satisfazer de necessidades religiosas de ocasião.

Assim, a riqueza da devoção a Nossa Senhora numa Diocese como a nossa terá de levar (insisto) a mesma na *Evangelização* a descobrir que no princípio e no meio deve estar a Palavra de Deus enquanto que nesta Palavra o povo descobre o seu ser de povo cristão nos caminhos da fé, da esperança e do amor.

Daqui, a importância de uma redescoberta da Palavra de Deus no caminho da fé de todos nós. Por outras palavras, o movimento Bíblico, a Pregação, a Catequese terão de colocar o nosso povo à semelhança de Maria diante do Mistério da Palavra de Deus para dar sentido aos sinais de tristeza e de esperança que estão semeados no meio dessas ilhas.

O louvor a Maria prestado pelo nosso povo para ser autêntico terá de levar também a nossa Igreja à dimensão contemplativa da vida na Oração.

Assim a Contemplação conduzir-nos-á a uma abertura a Deus, através da oração individual, comunitária, de celebração da Eucaristia, dos Sacramentos e das outras formas de oração da Igreja.

Mas o culto Mariano leva-nos também a descobrir Maria como o modelo que Evangeliza. E Maria Evangeliza com a Palavra e com o Testemunho.

A prática de um culto Mariano esclarecido descobre a pessoa de Nossa Senhora como Aquela que pronuncia poucas palavras, mas as que pronunciou foram para manifestar o seu zelo em proclamar as maravilhas da obra de Deus. O Cântico do «Magnificat» é um reconhecimento aberto e corajoso da santidade e da força de Deus. A sua presença na primitiva comunidade cristã não tem carácter de responsabilidade, mas foi certamente de apoio e de conforto aos primeiros discípulos de Cristo.

Assim, uma vez Evangelizados pela Palavra de Deus não a podemos guardar para nós, teremos de a proclamar na simplicidade da vida da Igreja, por todos os meios e os mais actuais para que ela seja a Palavra geradora de Libertação total e de vida Eterna na nossa Sociedade. Mas Maria Evangelizou sobretudo com o seu testemunho. Toda a sua vida foi um serviço ao plano de Deus: foi a primeira colaboradora da Redenção. Em cada momento da sua vida tem a missão de mostrar que não é: dizendo Senhor Senhor que se entrará no reino dos Céus.

O Culto de Maria coloca-o também como exemplo da nossa tarefa Evangelizadora pelo caminho do testemunho. Evangelizar-se-á no nosso meio se os cristãos forem uma força através da sua presença e testemunhal no coração da vida real dos Açores de hoje e de amanhã.

Como estamos longe de perceber Maria no que lhe dizemos através da Oração, no que meditamos sobre Ela levando assim o nosso culto para tantas paragens que não é esta, de ver que como Cristãos em Igreja temos sobretudo de A imitar, o que é equivalente a dizer que temos de ser uma Igreja que Evangeliza pela simplicidade e por uma acção decidida e corajosa a favor dos pobres do nosso povo.

Mas o Culto Mariano «sólido no seu fundamento», «objectivo no seu enquadramento histórico», «adequado no conteúdo doutrinal», «límpido nas suas motivações» como afirma Paulo VI na Exortação Apostólica «*Marialis Cultus*» leva-nos ainda a ver a *função de Maria na própria obra da Evangelização*. E isto numa dupla função: Junto do Seu Filho com a sua intercessão maternal e junto dos Cristãos ajudando-os a crescer no amor do Filho.

A Renovação da Pastoral Mariana nas nossas comunidades eclesiais

A Pastoral há que concebê-la modernamente como a auto-edificação da Igreja feita por todos os seus membros. Ela é, pois, a reflexão sobre a práxis da Igreja e a arte da edificação da Igreja como obra de todos. Com a Pastoral pretende-se a construção da Igreja no mundo ao serviço do Reino de Deus. E esta Igreja constrói-se pelo anúncio da Palavra que gera a fé vivida em comunidade e pela fé do povo que celebra sua vida em Jesus Cristo. E finalmente pelos esforços pela construção de comunidades que coloquem todos nas tarefas da renovação cristã no mundo numa atenção aos mais pobres.

A pastoral Mariana é aquela que considerando Maria como Mãe do Salvador, como a filha de Sião, a Mãe do Redentor, como Sinal do Reino, como figura da Igreja, como Ícone Escatológico da Igreja, a considera também como Modelo da mesma e portanto toma em conta o seu papel de presença e de construtora da Igreja. Ao mesmo tempo tudo o que os cristãos em Igreja lhe fazem a devoção, os diversos aspectos do Culto litúrgico (e o que dela se diz) a pregação são elementos e decisivos para a construção de uma Igreja que seja, de facto, a comunidade de Jesus Cristo.

Há que considerar que na Pastoral da Igreja Maria sempre entrou. Mas talvez, vista pacificamente, na sua pessoa. Ao mesmo tempo, o que Ela se dizia e o que a Ela se fazia; *oração, celebração, etc.* talvez tenha sido encarado mais numa perspectiva individual do que comunitária e sem desencadear grandes dinamismos na construção da comunidade dos Crentes. Daqui, pois, surge já a necessidade de se percorrer um duplo caminho mesmo entre nós, para que Maria e o culto a Ela ajudem a construção da nossa Igreja. Um primeiro grande caminho será o da necessidade da renovação do conceito do que é a *pastoral*, vista como algo em que toda a comunidade entra como sujeito primário de construção, e não simplesmente como obra do pastor ou como conservação do que tradicionalmente sempre se fez no aspecto religioso. A renovação do conceito de Pastoral e o desencadear prático de uma acção que lance todos padres e leigos num trabalho orgânico, e portanto, concertado a partir das realidades do nosso meio. Que será de nós nos nossos Açores se continuarmos com ideias e métodos pastorais obsoletos, sem plano ou planos feitos a partir das realidades vitais das nossas comunidades, numa linha de puro conservadorismo ou de mera assistência religiosa do que está, sem mais?!

Continuaremos sem um rumo que pastoralmente seja o nosso, construído e criticado por todos nós com amor.

Depois, o segundo caminho será o da necessidade de uma renovação que faça da figura de Nossa Senhora e do Culto que a Ela se presta um caudal imenso de Evangelização do despertar, aprofundar, celebrar e testemunhar a fé do nosso povo. Como é que uma Igreja como a nossa onde o culto a Nossa Senhora é tão grande e as manifestações são tão frequentes, seja tão pouco dinâmica na sua acção renovadora e transformadora: no nosso meio, no mundo das nossas ilhas?!

A renovação da pastoral mariana nas nossas comunidades terá de nos levar necessariamente a caminhos novos onde tenhamos de considerar aspectos como os que se seguem: o aparecimento de verdadeiras comunidades, a pregação mariana, o culto litúrgico, a opção pelos mais pobres. *O aparecimento de verdadeiras comunidades:* Maria e a fé Nela tem de nos levar a uma atitude que favoreça o aparecimento e a construção de verdadeiras comunidades cristãs que sejam ambiente e meta para uma verdadeira vida cristã. Não nos interessa, pois, que as nossas paróquias e as restantes comunidades eclesiais

sejam comunidades só religiosas, interessa-nos sim que elas através de um processo evangélico sejam cristãs e sejam espaço que ajudem, a todos os níveis, os homens e as mulheres do nosso meio a expressarem comunitariamente a sua fé e a reflectirem nas suas actuações no mundo. A renovação da pastoral que toma Maria como Modelo de Evangelização deverá ditar o aparecimento de muitas comunidades onde as pessoas consciencializem o que é o projecto cristão e sejam o grande agente difusor dele.

Continuar com comunidades que se reúnem para grandes celebrações acerca de Maria, mas onde na roda do ano e no duro do dia a dia pouco ou nada se faz na linha de as pessoas se converterem e serem apostólicas é ficar numa pastoral do Avé, Avé... sem mais!

A Pregação Mariana. Assistimos eclesialmente nos nossos Açores a uma grande necessidade de a Palavra ser explicada, assimilada e assumida como caminho de fé quer através da Evangelização, da Catequese, da Teologia (que necessidade temos de uma grande renovação teológica a vários níveis!) e da pregação. A nível de pregação não nos podemos ficar em mediocridades mas teremos de passar para uma pregação que seja um anúncio qualificado da Palavra de Deus. Concretamente, no que diz respeito à pregação Mariana há a necessidade:

- 1º De centrarmos a pregação sobre Nossa Senhora numa referência fundamental também a Jesus Cristo, o Mediador.
- 2º De a pregação sobre as verdades marianas ser: Bíblica, Litúrgica e Antropológica.
- 3º De ser respeitada a lei da globalidade e da essencialidade.
- 4º De se terem cuidados especiais no sentido de evitarmos, como diz o Concílio, exageros seja no dizer de mais, seja no sentido de entrarmos em visões e explicações ou sínteses redutoras.

O Culto litúrgico: a renovação da pastoral mariana leva-nos sobretudo à consideração do culto litúrgico, ponto fundamental deste nosso trabalho e do qual já falamos. Guardei de propósito para aqui a pergunta feita atrás e que é pertinente acerca da nossa realidade açoriana. Estará tudo bem no hoje da nossa devoção Marial ou no nosso culto mariano?

Seja-me permitido fazer a propósito um reparo bem crítico e o apresentar de algumas linhas de força que

poderão colocar o culto mariano a contribuir fortemente para a evangelização do nosso povo.

O reparo é o seguinte: a nossa devoção e culto a Nossa Senhora não passam muitas vezes de algo de puramente sentimental e de um pietismo vazio e difuso. Mais: com uma componente fortemente afectiva, fica-se muitas vezes só por aí em expressões ou manifestações. Existe ainda pior: é o que se pode chamar a vã credulidade, isto é, a aceitação simplista de fenómenos extraordinários que facilmente entram pelo prodigioso e que atestam o sub-desenvolvimento em que nos encontramos.

As linhas de força que sumariamente apresento aqui para a renovação do culto a Nossa Senhora são:

1º A necessidade de colocarmos a devoção a Nossa Senhora na Liturgia: portanto a necessidade de o Culto mariano ser litúrgico (S.C. N.º 103 L.G., 73, 66).

2º A necessidade da renovação também do chamado culto devocional porquanto a vida espiritual não se esgota só na litúrgica. Neste aspecto há que evitar a super-abundância e a materialização das práticas que corrompem a piedade mariana e a fazem cair no folclorismo. A redução da piedade a uma atitude meramente interior e a eliminar por motivos de «autenticidade» qualquer manifestação exterior também não será bom.

3º No campo do culto litúrgico há que dar um grande valor à celebração das festas e solenidades de Nossa

Senhora sobretudo à da sua Maternidade e evitar a celebração das mesmas fora dos tempos litúrgicos próprios. Aqui importa haver muita coragem dentro da Pastoral Litúrgica Mariana para repôr as coisas no seu devido lugar.

4º Há que valorizar as muitas Missas que existem de Nossa Senhora, o seu nome na Oração Eucarística, bem como no Credo da nossa Fé.

5º Descobrir o Advento como o grande tempo para meditar, honrar e celebrar Nossa Senhora. Neste aspecto o mês de Maio é absolutamente secundário.

Seja-me, ainda permitido, (no abuso indesculpável da vossa paciência) de uma palavra sobre Maria na *Pastoral da Caridade* da Comunidade Cristã, por relação a uma atitude aos mais pobres.

A consideração da vida de Maria e do culto a Ela conduz-nos a uma atitude de caridade traduzida em acções de solidariedade e de desenvolvimento a favor dos mais necessitados. Daqui, a importância de a nossa Igreja Local tão rica no Culto a Nossa Senhora ser uma Igreja com acções na linha da ajuda da resolução das velhas e novas formas de pobreza na sociedade açoriana de Hoje.

Oxalá que esta Semana Cultural Mariana que hoje encerramos contribua neste Ano Santo e sempre para a renovação pastoral sobretudo no aspecto do Culto Mariano e na linha de um compromisso eclesial libertador pelos mais pobres.